



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO / PGFILE

RAFAELLA SILVEIRA SUCUPIRA DA COSTA

TEORIA DA EDUCAÇÃO KANTIANA: O FUNDAMENTO DO APERFEIÇOAMENTO
HUMANO

CAMPINA GRANDE

2018

RAFAELLA SILVEIRA SUCUPIRA DA COSTA

TEORIA DA EDUCAÇÃO KANTIANA: O FUNDAMENTO DO APERFEIÇOAMENTO
HUMANO

Trabalho de conclusão de Curso apresentado a coordenação do curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a conclusão do Curso Especialização em Filosofia da Educação

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Kesting

Campina Grande - PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837t Costa, Rafaella Silveira Sucupira da.
A Teoria da educação kantiana [manuscrito] : o fundamento do aperfeiçoamento humano / Rafaella Silveira Sucupira da Costa. - 2017.
39 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Júlio César Kesting , Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Kantismo. 2. Educação. 3. Humanidade. 4. Pedagogia .
I. Título
21. ed. CDD 370.1

RAFAELLA SILVEIRA SUCUPIRA DA COSTA

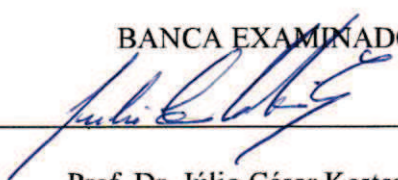
TEORIA DA EDUCAÇÃO KANTIANA: O FUNDAMENTO DO APERFEIÇOAMENTO
HUMANO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial para conclusão do Curso de
Especialização em Filosofia da Educação.

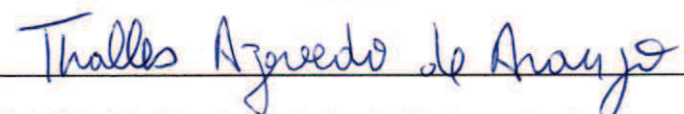
Data da avaliação 12/03/2017

Nota: 10

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Júlio César Kesting (Oorientador)

UEPB


Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araújo (examinador)

UEPB


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (examinador)

UEPB

DEDICATÓRIA

A Deus, o autor da minha vida.

AGRADECIMENTO

A Deus, pela a oportunidade de vivenciar esta conquista e, por cada dádiva que o viver nos oferece: a dor e o prazer, a tristeza e a alegria, pois cada experiência constitui a essência do meu ser, contribuindo assim para a minha formação acadêmica, profissional e pessoal. Ou seja, sou grata por cada passo, por cada degrau conquistado em busca de alcançar o longo percurso, como diria Immanuel Kant, da minha inteira destinação, qual seja: tornar-me ser humano.

A minha mãe, Rosângela Maribondo, pela dedicação, cuidado e amor; por ser o exemplo maior e minha grande inspiração para seguir, com empenho e devoção, a vocação educacional; por sempre ter feito de tudo para que eu sempre acreditasse e lutasse por meus objetivos e sonhos; por me ensinar que educar uma pessoa é a mais bela e grandiosa dádiva que um homem pode ter nessa vida.

Ao meu marido, Daniel Carlos, pelo apoio e incentivo nesta fase tão importante da minha vida acadêmica; por compreender, apesar dos obstáculos, a importância dessa Especialização para o meu crescimento como pessoa e profissional. Obrigada por contribuir, significativamente, para a realização deste sonho.

Ao meu grande amigo e professor da Universidade Federal da Paraíba, Marconi Pequeno, por apoiar e incentivar a minha escolha de me submeter a avaliação do vestibular em filosofia, pela excelente orientação na graduação e no mestrado e por ser sempre um exemplo: o meu grande mestre.

Ao violino, que é o meu grande professor espiritual, que me ensina, a cada dia, que a dedicação leva a virtude e a beleza, enquanto que a ausência de disciplina, de estudos diários leva a completa desarmonia e desafinação. Obrigada meu querido violino por me ensinar e me lembrar sempre a importância da disciplina para conquistar a liberdade musical igualmente como Kant me ensinou, por meio de suas obras, a valorizar a coação da disciplina para conquistar a liberdade política e moral.

Aos meus professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e aos meus professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) pela dedicação ao Ensino de filosofia e por contribuir de modo significativo na minha formação acadêmica.

Ao meu orientador professor Dr., Júlio César Kesting, pela orientação e dedicação.

Aos professores que fizeram parte da banca de defesa, prof. Dr. Thalles Azevedo de Araújo e prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda, pelas críticas, conselhos e participação da banca de defesa do meu trabalho de conclusão do Curso de pós-graduação em Filosofia da Educação.

A Universidade Estadual da Paraíba de Campina Grande e ao coordenador do Curso de Especialização em Filosofia da Educação, prof. Valmir Pereira, pela oportunidade de participar de um curso tão importante para a minha formação acadêmica.

Aos meus colegas e amigos pelo apoio.

Obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente na conquista deste curso de pós-graduação em Filosofia da Educação.

“O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz” (KANT, 1999, p.15).

RESUMO

Este trabalho de pós-graduação em filosofia pretende analisar a teoria da educação do filósofo Immanuel Kant a fim de compreender como a educação pode desempenhar papel essencial no aperfeiçoamento da natureza humana. Portanto, partimos da seguinte hipótese: a educação, quando pautada no ideal de humanidade, é a chave do aperfeiçoamento do homem enquanto espécie humana. Para esse fim, dividimos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, denominado *A teoria da educação kantiana*, aspiramos analisar a teoria da educação kantiana em seus aspectos físico e prático. No segundo capítulo, *A pedagogia do Esclarecimento*, pretendemos compreender como a pedagogia kantiana pode contribuir para a efetivação da autonomia do pensamento e do esclarecimento moral. E, por fim, no terceiro capítulo, *Da educação kantiana ao ideal de humanidade*, buscamos compreender como o modelo educacional pautado no ideal de humanidade é a chave para o aperfeiçoamento da natureza humana. Logo, buscaremos defender a hipótese de que é possível um modelo de educação com fins ao progresso da natureza humana.

Palavras-chave: Kant. Educação. Humanidade. Esclarecimento.

ABSTRACT

This postgraduate work in philosophy aims to analyze the theory of education of the philosopher Immanuel Kant and to content as an education can play an essential role in the perfection of human nature. Therefore, we start from the following hypothesis: education, when based on the ideal of humanity, is the key to perfecting man as a human species. To this end, we divide our work into three chapters. The first chapter called, *The theory of Kantian education*, aspires to analyze the theory of Kantian education in its physical and practical. In the second chapter, *The pedagogy of Enlightenment*, we intend to understand how Kantian pedagogy can contribute to the realization of the autonomy of thought and moral enlightenment. And finally, in the third chapter, *From Kantian education to the ideal of humanity*, we seek to understand how the educational model based on the ideal of humanity is key to the perfection of human nature. Therefore, as a conclusion, we will seek to defend the hypothesis that a model of education is possible for the purpose of progressing human nature.

Keywords: Kant. Education. Humanity. Enlightenment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A TEORIA DA EDUCAÇÃO KANTIANA.....	14
2.1 Educação física.....	15
2.1.1 Da parte negativa: o cuidado e a disciplina.....	16
2.1.2 Da parte positiva: a instrução e o direcionamento.....	19
2.2 Educação prática.....	20
2.2.1 A cultura escolástica, pragmática e moral.....	21
3 A PEDAGOGIA DO ESCLARECIMENTO.....	25
3.1 A maioridade, a autonomia e a liberdade.....	25
3.2 A pedagogia kantiana e a responsabilidade individual.....	26
4 DA EDUCAÇÃO KANTIANA AO IDEAL DE HUMANIDADE.....	31
4.1 A educação e o imperativo hipotético.....	32
4.1.1 A razão instrumental e a imoralidade.....	33
4.2. O imperativo categórico e o princípio supremo da moralidade.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6 BIBLIOGRAFIA	39

1 INTRODUÇÃO

O tema principal de estudo deste trabalho é a *Filosofia da educação*. Mais especificamente, pretende-se compreender a teoria da educação kantiana como meio de desenvolver o a perfeição da natureza humana, visto que, segundo Kant, “o grande segredo da perfeição da natureza humana se esconde no próprio problema da educação” (KANT, 1999, p. 16). Assim sendo, o objetivo principal deste trabalho é apreender a importância da educação para a formação da humanidade do homem. Logo, o problema que pretendemos investigar é o seguinte: como a educação pode contribuir com o aperfeiçoamento da natureza humana? E nessa perspectiva, quais os princípios que devem fundamentar uma educação que vise a inteira destinação da humanidade?

Diante desse problema, a hipótese que tomaremos como resposta provisória dessa investigação é a seguinte: a educação, quando pautada no ideal de humanidade, é a chave do aperfeiçoamento do homem enquanto espécie humana. Para defender essa hipótese, nos alicerçamos, sobretudo, na obra *Über Pädagogik* (1803)¹ de Immanuel Kant (1724-1804), considerando que, além dela ser a obra mais específica do filósofo prussiano a tratar do problema da educação, é nela que “Kant aborda de forma precisa o tema Educação, dizendo que é ela que faz do homem um verdadeiro homem. É a Educação que possibilitará ao homem sua evolução até que possa chegar ao seu fim que é ver-se enquanto humanidade” (ROSA, 2010, p. 2).

Nesse contexto, pretendemos ressaltar que não é todo e qualquer modelo educacional que permitirá esse aperfeiçoamento, mas, tão somente, uma educação com fins à *liberdade*, isto é, um modelo pedagógico que tenha como objetivo dar as condições para o desenvolvimento da *maioridade*² em seus aspectos político e moral. Sendo assim, trata-se de apreender a importância da teoria da educação kantiana para a formação da humanidade, levando em consideração que o homem não nasce pronto, mas que precisa de *cuidado*³ na infância, e de meios que favoreçam o seu pleno desenvolvimento. Para esse fim, elegemos três objetivos específicos. Primeiramente, pretendemos entender a teoria da educação de Immanuel Kant, considerando a respectiva divisão do autor (a educação física e a educação prática) e os conceitos que fundamentam sua teoria:

¹ **Sobre a pedagogia**. Tradução Francisco C. Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

² A maioridade é a capacidade de se servir de seu próprio entendimento sem que esteja sujeito a tutela de outrem.

³ Cuidado diz respeito ao suprimento das necessidades tanto na conservação e quanto no trato.

cuidado, disciplina, instrução e direcionamento. Em seguida, buscaremos compreender como os princípios da pedagogia kantiana podem contribuir, de forma significativa, para a efetivação da maioridade e autonomia da razão. E, por fim, depreender como o modelo educacional pautado no ideal de humanidade é a chave para o aperfeiçoamento da natureza humana.

Desse modo, a abordagem da temática proposta pelo presente trabalho consiste na consciência de que o problema da educação foi e continua sendo de suma importância para formação do homem e da sociedade. E mais, a escolha da filosofia kantiana para fundamentar a investigação do problema aqui em questão se dá porque ele não apenas reconhece a problemática da educação como “o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens” (KANT, 1999, p. 20), como também tem na boa educação a solução para o desenvolvimento do homem, como podemos perceber no seguinte trecho: “a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação, e que é possível chegar a dar àquela forma, a qual em verdade convém à humanidade” (KANT, 1999, p. 16). Ou seja, a teoria da educação de Kant é o alicerce que fundamenta a hipótese deste trabalho.

Destarte, a obra *Über Pädagogik* de Immanuel Kant será a principal fonte deste trabalho, como já foi falado no início desta introdução. No entanto, além dessa obra, tomaremos como base para a investigação deste trabalho outras obras do filósofo prussiano, a fim de entendermos os conceitos necessários para a compreensão da sua teoria, como exemplo: *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* (1784)⁴ e *Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht* (1784)⁵. E no que tange as fontes secundárias, utilizaremos algumas obras e artigos que dizem respeito à teoria da educação kantiana, como exemplo os textos dos seguintes autores: Bresolin, Carvalho, Oliveira, Rosa e La Taille.

⁴ **Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento?** Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

⁵ **Ideia de uma História Universal com um propósito Cosmopolita**. Tradução Artur Morão. Lusosofia: press, 2013.

2 A TEORIA DA EDUCAÇÃO KANTIANA

“O homem é a única criatura que precisa ser educada”

Immanuel Kant

O problema da educação é de suma importância para a formação humana, visto que, como afirma Kant, o homem é a única criatura que precisa de educação. Mas por que o homem é o único ser que carece de educação? Ora, Kant define o homem como um ser sensível, determinado pelas leis da natureza como os demais animais. Mas também o define como um ser racional (inteligível), que pode agir segundo as leis da liberdade. Ou seja, o homem não se reduz a determinação da sua natureza antropológica, mas pode ser algo além de todo determinismo porque tem livre-arbítrio, pode escolher.

A título de exemplo, podemos fazer uma simples comparação entre o homem e a laranjeira: o homem se distingue da laranjeira. Ela, diferentemente do homem, está determinada a ser apenas uma única coisa, isto é, dar laranjas, e não pode ser nada além disso. A laranjeira não pode simplesmente escolher não dar laranjas, pois não tem a faculdade da razão para libertá-la do determinismo das leis naturais. No entanto, o homem, muito embora também esteja submetido as leis da natureza, pode escolher, por exemplo: sua profissão, se casa ou não, se mente ou não, se rouba ou não, etc. Isso acontece porque o homem não nasce homem, mas se torna homem, e isso só é possível por meio da educação, como diz Kant na obra *Über Pädagogik*: “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz” (KANT, 1999, p.15).

Nesse sentido, se a educação é única e exclusivamente necessária aos homens, ela é de algum modo algo que nos diferencia dos demais animais. E se assim é, podemos afirmar que a educação contribui para a aprendizagem do uso racional, e faz com que o homem não aja apenas como os demais animais irracionais, que são determinados pelas leis da natureza. A educação permite que os homens aprendam a fazer uso da razão por meio da educação negativa, que objetiva

eliminar a selvageria e animalidade, e por meio da educação positiva, que consiste no ensino de habilidades (o uso instrumental da razão), como veremos no decorrer desse capítulo.

Cabe-nos então investigar, primeiramente, como é possível garantir que o homem se torne verdadeiramente homem, para, em seguida, averiguar a possibilidade de a educação contribuir no aperfeiçoamento, tanto do indivíduo, quanto da espécie humana em geral. Logo, é considerando o papel essencial que educação tem na formação humana, e no desenvolvimento civil e moral, que pretendemos, neste capítulo, compreender a teoria da educação de Immanuel Kant.

A teoria da educação de Immanuel Kant⁶ se divide em duas partes: *Sobre a educação física* e *Sobre a educação prática*. Considerando assim a divisão proposta pelo próprio autor, decidimos também dividir o presente capítulo em duas partes, qual seja: *Educação física* e *Educação prática*. Na primeira parte, objetivamos compreender, sucintamente, a parte física de sua pedagogia. E para esse fim, a subdividimos em duas subseções, ei-lhas: *Da parte negativa: o cuidado e a disciplina* e *Da parte positiva: a instrução e o direcionamento*. Na segunda parte, objetivamos entender mais detalhadamente a parte prática da pedagogia kantiana, visto que é, sobretudo, nessa parte que iremos encontrar os conceitos e argumentos necessários para defender uma teoria da educação com fins ao aperfeiçoamento da espécie humana.

2.1 Educação física

Immanuel Kant subdivide a parte que contempla a educação física em duas partes, qual seja: a parte negativa (denominada de *cuidados*⁷ e *disciplina*⁸) e a parte positiva (denominada de *instrução e direcionamento*⁹). Ele afirma que “A educação física consiste propriamente nos

⁶ Essa obra na verdade foi publicada por um aluno de Kant. No entanto o seu conteúdo diz respeito ao curso ministrado por Immanuel Kant na Universidade onde lecionava a disciplina de Pedagogia.

⁷ “Por cuidados entendem-se as preocupações que os pais tomam para impedir que as crianças façam uso nocivo de suas forças” (KANT, 1999, p. 11). Ou seja, refere-se a conservação e o trato. Segundo Kant o homem é o único animal que necessita de cuidados visto que os demais necessitam no máximo de nutrição.

⁸ “A disciplina transforma animalidade em humanidade” (KANT, 1999, p. 12). Ou seja, para Kant esse conceito puramente negativo “é o que impede ao homem de desviar-se do seu destino. De desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais” (KANT, 1999, p. 12).

⁹ “Direcionamento é a condução na prática daquilo que foi ensinado” (KANT, 1999, p. 30).

cuidados materiais prestados às crianças ou pelos pais, ou pelas amas de leite, ou pelas babás” (KANT, 1999, p. 37).

Portanto, a fim de compreendermos o que é a educação física, em termos kantianos, e sua implicação na teoria da educação de Kant, neste tópico trataremos, mais especificamente, dos conceitos que fundamentam o conteúdo referente à educação física: *cuidado, disciplina, instrução e direcionamento*.

2.1.1 Da parte negativa: o cuidado e a disciplina

No que tange a parte negativa da educação cabe-nos perceber, de antemão, que para Kant: “a primeira educação deve ser puramente negativa, isto é, que nada cabe acrescentar às preocupações tomadas pela natureza, mas restringir-se a não perturbar a sua ação” (KANT, 1999, p. 41 e 42). Ou seja, “o primeiro passo toca à disciplina, e não ao ensinamento” (KANT, 1999, p. 58).

Kant fundamenta, especificamente, a educação negativa em dois conceitos: *cuidados e disciplina*. O cuidado trata-se da preocupação que os responsáveis devem ter com a conservação e o bem estar físico da criança. Ou seja, além da incumbência de prover com a alimentação, deve-se cuidar para que a criança não cometa ações que a deixe em perigo, enquanto que a disciplina é responsável por sujeitar o homem, desde a mais tenra infância, às leis da humanidade¹⁰ através da percepção da força dessas leis; que devem ter sua força e poder de coação pelo valor em si mesmo dessas leis e não por sua finalidade.

Segundo Kant, “Na educação, o homem deve, portanto: ser disciplinado. Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria” (KANT, 1999, p. 25). Logo, podemos afirmar que a disciplina exerce papel essencial na pedagogia kantiana, considerando que ela tem a função de retirar do homem o seu estado de selvageria e de animalidade. Por conseguinte, ela é negativa, visto que o seu papel educacional é evitar que homem se desvie do seu destino: a

¹⁰ As leis da humanidade consiste nos deveres para conosco e os deveres para com os demais seres humanos. Trataremos especificamente desses deveres na parte da educação prática.

perfeição humana; que só é possível com a plena autonomia da vontade¹¹. No entanto, devemos entender que Kant defende uma disciplina com fins à liberdade e, por isso, a educação com fins ao aperfeiçoamento humano não deve ser escravizante e opressora, mas uma disciplina com fins à liberdade.

Ainda no que diz respeito à disciplina, Kant considera necessário que a criança seja submetida a ela desde cedo, visto que o homem, apesar de ser inclinado à *liberdade*, não sabe fazer bom uso dela, sendo, portanto, necessário aprender a usá-la bem. E mais, ele reforça que uma vez acostumado a gozar dessa rude liberdade, torna-se extremamente difícil desenvolver a humanidade no homem; que é seu verdadeiro destino. Em vista disso, podemos dizer que a teoria da educação de Kant reside na tensão entre a coação da disciplina e a liberdade. E é essa tensão que possibilita conquistar a autonomia da vontade e a plena perfeição humana. Mas, como isso é possível?

No que tange ao problema da tensão entre a disciplina e a liberdade, e também à possibilidade dessa tensão ser essencial para a conquista da verdadeira destinação do homem, La Taille afirma, em seu artigo *A educação moral: Kant e Piaget*, que essa tensão é problema chave para compreensão da teoria kantiana da educação. Partindo dessa interpretação, ela declara o seguinte: “Kant distingue duas linhas pedagógicas: a disciplina e a instrução. As duas vão desempenhar papel na educação moral. Porém, um problema se apresenta. A disciplina é coercitiva: como articulá-la com a liberdade e a autonomia da vontade, condições necessárias à moralidade?” (LA TAILLE, 1996, p. 138).

Em seguida ela responde com uma citação do próprio Kant:

Escreve Kant: “Um dos maiores problemas da educação é conciliar sob uma coação legítima à submissão e à faculdade de se servir de sua própria liberdade. Pois a coação é necessária! Mas, como cultivar a liberdade pela coação? É preciso que eu acostume meu aluno a usufruir da liberdade pela coação, e que, ao mesmo tempo, o instrua a fazer bom uso de sua liberdade. Sem isso, haveria nele apenas puro mecanismo; o homem privado de educação não sabe se servir de sua liberdade. E necessário que, desde cedo, sinta a resistência inevitável da sociedade, a fim de aprender a conhecer como é difícil bastar-se a si mesmo, suportar privações e adquirir o necessário para se tornar independente” (p. 46). Portanto, a coação é necessária: é o primeiro passo para se atingir a liberdade (LA TAILLE, 1996, p. 138 e 139).

¹¹ A vontade torna-se autônoma quando o indivíduo a coloca sob a égide do mandamento da razão. Ou seja, quando a ação do sujeito se baseia nas leis e imperativos formulados pela razão prática.

Assim, é possível perceber que a coação da disciplina é de suma importância para a teoria da educação kantiana. Ela é o primeiro passo em busca de alcançar a liberdade e, conseqüentemente, a autonomia moral. O conceito de *liberdade*, por sua vez, é o segredo para compreensão da teoria da educação kantiana, à medida que ela é o fundamento da moralidade. Logo, a liberdade é o que possibilita ao homem se desvincular do determinismo das leis da natureza e agir moralmente. Dessa maneira, devemos considerar que “não é suficiente treinar as crianças; urge que aprendam a pensar. Devem-se observar os princípios dos quais todas ações derivam” (KANT, 1999, p. 27). Nesse sentido, a educação kantiana se coloca como uma educação libertadora, que não objetiva fazer as crianças reproduzirem uma ideia pré-fabricada, mas sim dar condições delas aprenderem a pensar por si mesmas.

La Taille ressalta ainda a importância que a educação tem no desenvolvimento do futuro da humanidade na teoria kantiana. Como podemos perceber no seguinte trecho: “E, portanto, no seio da educação que se disputa o futuro da humanidade, pois ela, a educação, é fonte de todos os bens do mundo, contanto que seja levada a sério e dirigida para um ideal de perfeição humana” (LA TAILLE, 1996, p. 136). Por conseguinte, o ideal de perfeição humana é o objetivo último de toda teoria da educação que almeja os bens da humanidade, considerando que, como afirma Kant, “A ideia de uma educação que desenvolva no homem todas as suas disposições naturais é verdadeira absolutamente” (KANT, 1999, p. 17).

Nesse contexto, podemos perceber que o grande problema que a teoria da educação kantiana coloca é o seguinte: como conciliar o exercício da liberdade com a submissão da disciplina, do constrangimento? Kant dá a seguinte resposta para essa questão: “É preciso provar que o constrangimento, que lhe é imposto, tem por finalidade ensinar a usar bem da sua liberdade, que a educamos para que possa ser livre um dia, isto é, dispensar os cuidados de outrem” (KANT, 1999, p. 33 e 34). Sendo assim, o objetivo de Kant não é reprimir a liberdade, impedindo que o homem seja autônomo, mas tão somente prepará-lo para exercer sua liberdade de forma autônoma e moral.

2.1.2 Da parte positiva: a instrução e o direcionamento

Além da parte negativa da educação, a pedagogia kantiana consiste em uma parte positiva. Ou seja, uma parte da educação que não pretende evitar ou retirar algo danoso para a formação humana, mas sim agregar habilidades e aprendizagens necessárias para a realização da inteira destinação humana, qual seja, à perfeição humana.

“A parte positiva da educação física é a cultura. Por ela o homem se distingue do animal. A cultura consiste notadamente no exercício das forças da índole” (KANT, 1999, p. 53) e se fundamenta, sobretudo, nos conceitos de *instrução* ou *escolástica* e *direcionamento*. E é justamente a cultura que possibilita, propriamente, a distinção entre o homem e os demais animais. Quer dizer, a cultura é responsável pela construção do caráter, do temperamento e da índole do homem, desde o seu nascimento até a sua morte.

Kant divide ainda a cultura em: *cultura do corpo* e *cultura da alma*. No que tange à cultura do corpo, Kant ressalta a necessidade de que ela esteja de acordo com as normas sociais, e por essa razão, até os brinquedos e as brincadeiras infantis devem ser fixadas segundo essas normas sociais e com fins ao aperfeiçoamento humano. Kant, ao tratar dessa questão, dá o exemplo do balanço que objetiva fortalecer o corpo. Além do balanço ele ressalta a importância de outras brincadeiras, como podemos perceber pela seguinte citação: “a brincadeira da cabra-cega, por exemplo, é para saber como poderiam desempenhar-se, caso fossem privadas de um sentido. O pião é um jogo admirável. Esse tipo de brincadeira infantil dá aos homens ocasiões para reflexões ulteriores e, às vezes, são ocasiões de importantes descobertas” (KANT, 1999, p. 56). Além de todos esses benefícios a brincadeira tem o objetivo de fazer com que as crianças dediquem um certo tempo e concentração a tais atividades previamente delimitadas e benéficas, em detrimento de outras sem finalidade, proporcionando assim a disciplina.

Já no que diz respeito a cultura da alma, Kant ressalta que não devemos confundir-la com a educação moral, visto que, assim como a cultura do corpo pertence a parte física da pedagogia, assim também a cultura da alma pertence à formação física. À vista disso, podemos afirmar que a cultura da alma não garante a formação moral, mas tão somente o uso instrumental da razão¹². É

¹² Trataremos, mais especificamente, da razão instrumental no terceiro capítulo deste trabalho: Da educação ao ideal de humanidade.

por haver essa distinção que afirma Kant: “Um homem pode ter uma sólida formação física, pode ter um espírito muito bem formado e ser, dum homem moralmente formado e ser, desse modo, uma criatura má” (Kant, 1999, p. 59). Sendo assim, tanto a parte da cultura do corpo quanto da cultura da alma não dizem respeito à moral, mas tão somente à formação cultural.

No que tange ainda à cultura física, seja ela do corpo ou da alma, Kant faz a seguinte divisão: *cultura livre* e *cultura escolástica*. A primeira se refere ao divertimento, enquanto que a segunda diz respeito à obrigação. Neste sentido, podemos dizer que a teoria da educação kantiana não apenas valoriza que a criança desfrute do ócio, do divertimento e das brincadeiras com finalidades culturais, mas também que ela se submeta a obrigação do trabalho, para que aprenda a superar a preguiça e que compreenda a importância do trabalho para o homem e para a sociedade.

E é justamente na cultura da obrigação que entra a escola e o seu papel na educação das crianças, considerando que é na escola que a criança aprende a importância do trabalho e quando ficar adulto pode entender a necessidade de obter o seu próprio sustento, além de ser na escola que a criança aprende as habilidades necessárias para uso instrumental da razão. Mas devemos tomar cuidado para a educação ser impositiva e não escravizante. Isto é, o seu papel deve ser desenvolver o esclarecimento e o aperfeiçoamento da natureza humana, e não o adestramento e a submissão irracional a outrem.

2.2 Educação prática

Immanuel Kant subdivide a parte que contempla a educação prática em três. Ei-las: a cultura *escolástica* ou *mecânica*, a formação *pragmática* e a cultura *moral*. A primeira, diz respeito à *habilidade*¹³, a segunda, consiste na *prudência*¹⁴ e, por fim, a terceira, trata-se da *moralidade*¹⁵.

¹³ Para Kant *habilidade* consiste em um conhecimento sólido, ou seja, um conhecimento que se traduz em ações. E que na pedagogia kantiana, esse conceito, é essencial para a formação do caráter, pois a “habilidade é necessária ao talento” (KANT, 1999, p.85).

¹⁴ “A *prudência* consiste na arte de aplicar aos homens a nossa habilidade, ou seja, de nos servir dos demais para os nossos objetivos” (KANT, 1999, p.85, grifo do autor). “Ora a destreza na escolha dos meios para atingir o maior bem-estar próprio pode-se chamar prudência [Klugheit] (*) no sentido mais restrito da palavra.” (KANT, 2011, p. 54 e 55). Immanuel Kant atribui a essa qualidade como a responsável por moderar as paixões. E mais, ele diz que “a prudência mundana concerne ao temperamento” (KANT, 1999, p. 85).

¹⁵ “A *moralidade* diz respeito ao caráter” (KANT, 1999, p. 85, grifo do autor).

2.2.1 A cultura escolástica, pragmática e moral

A cultura escolástica ou mecânica consiste em desenvolver a habilidade. Ela é a primeira fase da educação prática, visto que, para desenvolver a prudência, que é a segunda parte da educação prática, o homem necessita primeiramente desenvolver a habilidade. Portanto, a grande importância dessa formação se dá na valoração do homem em si mesmo, visto que a habilidade é a essência do caráter¹⁶ do homem. Como afirma Kant:

No que toca à habilidade, requer-se que seja sólida e não passageira. Não se deve mostrar ares de quem conhece algo que não se possa depois traduzir em ações. A habilidade deve, antes de mais nada, ser bem fundada e torna-se pouco a pouco um hábito do pensar. É o elemento essencial do caráter de um homem. A habilidade é necessária ao talento (KANT, 1999, p. 85).

No que tange a prudência, Kant afirma que ela é a “arte de aplicar aos homens a nossa habilidade, ou seja, de nos servir dos demais para os nossos objetivos” (KANT, 1999, p. 85). Essa prudência, na qual o homem deve aprender, por exemplo, a dissimular, é chamada de prudência mundana e ela tem a sua importância porque permite ao homem alcançar um determinado objetivo em sociedade.

A prudência mundana diz respeito ao temperamento¹⁷, e tem por finalidade ajudar a moderar as paixões. Concerne ao temperamento, por exemplo, a simpatia. Kant, no entanto, reforça que muito embora a simpatia deva ser cultivada, não se deve permitir que a criança sucumba ao sentimentalismo da compaixão nostálgica, considerando que ela é um mal ao caráter e não tem nenhuma utilidade prática; servindo apenas para lamentação. Nesse sentido, podemos perceber que Kant considera as paixões como algo ruim para a formação do caráter do homem e, portanto, deve ser evitada.

¹⁶ O caráter é a “constituição particular” (KANT, 2011, p. 22) de cada homem e que possibilita fazer uso dos dons naturais.

¹⁷ “Do ponto de vista *fisiológico*, quando se fala de temperamento entende-se a constituição corporal (a estrutura forte ou fraca) e a compleição (os fluídos, aquilo que no corpo se move regulado pela força vital, onde também se incluem o calor ou o frio na elaboração desses humanos). Mas, sob o aspecto *psicológico*, isto é, como temperamento da alma (da faculdade de sentir e de desejar), essas expressões, tomadas de empréstimo à constituição sanguínea, são representadas somente conforme a analogia do jogo dos sentimentos e desejos com as causas motrizes corporais (dentre as quais o sangue é a principal)” (KANT, 2006, p. 182).

Podemos afirmar que o cultivo do caráter e o desenvolvimento da prudência não são propriamente a ação moral, mas unicamente, a aparência moral permitida, isto é, o estado de civilidade enquanto o ser moral não alcança seu estado de perfeição. Por essa razão, Kant afirma, na *Anthropologie in pragmatischer hinsicht*, que:

Feito as contas, quanto mais os seres humanos se tornam civilizados, tanto maior é o número de atores; eles aparentam simpatia, respeito pelos outros, recato, altruísmo, sem enganar ninguém com isso, porque cada um dos demais está de acordo que não se está sendo exatamente sincero, e também é muito bom que as coisas sejam assim no mundo. Pois, porque os homens representam esse papel, as virtudes, cuja aparência apenas afetam por um longo espaço de tempo, são por fim pouco a pouco realmente despertadas e passam a fazer parte do caráter (KANT, 2006, p. 50).

Logo, o desenvolvimento da civilidade e, conseqüentemente, o caráter são essenciais para a vida coletiva, para a realização do interesse da sociedade no mundo fenomênico provisoriamente. Ou seja, enquanto a ideia de perfeição humana não é efetivada no mundo fenomênico. Neste sentido, devemos compreender que a civilidade e a “prudência mundana” é, simplesmente, uma etapa anterior à moralidade.

A moralidade é, propriamente, aquilo que se refere ao caráter moral e para desenvolvê-la nas crianças é necessário “ensinar-lhe, da melhor maneira, através de exemplos e com regras, os deveres a cumprir” (KANT, 1999, p. 89). Ei-lhos: os deveres para consigo mesmas e os deveres para com os demais.

Os deveres para consigo mesmo equivale, por exemplo, a buscar se vestir e comer de modo conveniente, ser comedido, sóbrio e moderado. Quer dizer, deve-se evitar seguir seus desejos e inclinações, haja vista que, é dever para consigo mesmo respeitar a sua própria dignidade inteior, conservar a dignidade da natureza humana em sua própria pessoa. Por isso, diz Kant a respeito dos deveres para consigo mesmo: “é seu dever não renegar em sua própria pessoa essa dignidade da natureza humana” (KANT, 1999, p. 89).

Portanto, cabe a educação a responsabilidade de ensinar a criança a compreender a importância da dignidade da pessoa humana em sua própria pessoa e de ensiná-la a não inferiorizar a sua própria pessoa; se humilhando abaixo de qualquer animal. À guisa de exemplo de

inferiorização temos: contar uma mentira, pois a mentira é desprezível e desqualifica a dignidade humana.

Os deveres para com os demais, também, são de extrema importância, pois é por meio deles que as crianças aprendem a respeitar e dar atenção aos direitos humanos e, mais eminentemente ainda, colocá-los em prática com frequência.

Na *Anthropologie in pragmatischer hinsicht*, Kant chega a seguinte conclusão:

O resultado final da antropologia pragmática em relação à destinação do ser humano e à característica de seu aprimoramento consiste no seguinte. O ser humano está destinado, por sua razão, a estar numa sociedade com seres humanos e a se *cultivar, civilizar e moralizar* nela por meio das artes e das ciências, e por maior que possa ser sua propensão animal a se abandonar *passivamente* aos atrativos da comodidade e do bem-estar, que ele denomina felicidade, ele está destinado a se tornar *ativamente* digno da humanidade na luta com os obstáculos que a rudeza coloca para ele (KANT, 2006, p. 219).

No entanto, no que tange a concretização da inteira destinação humana, qual seja, a perfeição da natureza humana, Kant alerta para uma grande dificuldade que deve ser superada: “O ser humano tem, pois, de ser educado para o bem, mas aquele que deve educá-lo é novamente um ser humano que ainda se encontra em meio à rudeza da natureza e deve realizar aquilo de que ele mesmo necessita. Daí o constante desvio de sua destinação e os retornos repetidos a ela” (KANT, 2006, p. 219).

Por isso que, Kant reafirma a importância de não educarmos as crianças segundo os interesses da sociedade presente, mas sobretudo, colocar o ideal de perfeição humana como o princípio norteador da educação com fins ao esclarecimento. Ou seja, cabe, tão somente, a educação consolidar a suprema etapa da pedagogia que “é a consolidação do caráter” (KANT, 1999, p. 87). E, continua Kant, com a seguinte definição de caráter: “consiste na resolução firme de querer fazer algo e colocá-lo realmente em prática” (KANT, 1999, p. 87). Logo, uma pessoa realmente moralizada tem a força de agir não apenas segundo as suas inclinações e paixões, isto é, segundo as leis da natureza que nos determina, mas segundo as leis da liberdade que nos permite superar nossas limitações naturais por meio da razão prática, o imperativo categórico.

3 A PEDAGOGIA DO ESCLARECIMENTO

“Sapere aude! Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é portanto a divisa do Esclarecimento.”

Immanuel Kant

Immanuel Kant, filósofo Iluminista, reconhece que o século XVIII, mesmo sendo um período caracterizado pela civilidade, cultura e disciplina, ainda não tinha alcançado o pleno esclarecimento e autonomia moral, como podemos conferir no seguinte trecho da obra *Ideia de uma História Universal com um propósito Cosmopolita*: “Estamos cultivados em alto grau pela arte e pela ciência. Somos civilizados, até ao excesso, em toda a classe de maneiras e na respeitabilidade sociais. Mas falta ainda muito para nos considerarmos já moralizados” (KANT, 2013, p.14). Ou ainda, como afirma na obra *Über Pädagogik*: “Vivemos em uma época de disciplina, de cultura e de civilização, mas ela ainda não é a verdadeira moralidade” (KANT, 1999, p. 28).

Apesar dessa consciência, Kant continuava cheio de esperança no progresso da humanidade. Ele acreditava que:

A educação é uma arte, cuja a prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas e, assim, guie toda humana espécie a seu destino (KANT, 1999, p. 19).

Neste contexto, o propósito de toda educação esclarecida deve ser pautado no ideal de perfeição humana, isto é, uma educação com fins ao aperfeiçoamento moral e o pleno esclarecimento da espécie humana. Isto posto, a educação deve ser dada as crianças de maneira tal que as dê condições de superar a preguiça, a covardia, as inclinações, os vícios e, sobretudo, ousar saber; de buscar a liberdade de pensamento enquanto ser moral. Mas, para que isso seja viável, devemos considerar a educação não como um problema concernente ao indivíduo particular, mas

enquanto espécie humana, tendo em vista que a teoria kantiana objetiva o fim último do homem enquanto humanidade.

Considerando isso, Bresolin diz o seguinte a respeito da teoria da educação kantiana:

A educação kantiana, assim como toda sua obra, assenta-se sobre uma imagem crítica do homem, quer dizer, sobre a necessidade de uma perfeição a ser realizada. A educação compreende também a passagem da natureza à liberdade, pois, sem uma educação que vise à maioridade, é impossível pensar que o ideal de liberdade aproxime-se da efetividade. O homem tem necessidade de sua razão porque ela o torna o que ele realmente é: um ser racional (BRESOLIN, 2016, p. 57).

Sendo assim, com fins a compreendermos como os princípios da pedagogia kantiana podem contribuir, de forma significativa, para a efetivação da maioridade e autonomia da razão, dividimos este capítulo em duas seções: *A maioridade e a autonomia* e *A pedagogia kantiana e a responsabilidade individual*. A primeira seção trata acerca da relação entre a pedagogia kantiana e os conceitos de *maioridade*, *autonomia* e *liberdade*. A segunda seção ocupa-se da relação entre a pedagogia e a responsabilidade individual. Para esse fim, nos fundamentaremos, sobretudo, na obra *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*

3.1 A maioridade, a autonomia e a liberdade

Na obra *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* Kant define o conceito de *maioridade* como a capacidade de se servir do seu próprio entendimento sem depender da tutela de uma outra pessoa. A conquista da maioridade, por sua vez, é fundamental para se tornar uma pessoa esclarecida. Por essa razão que iniciamos o presente capítulo com a seguinte frase: “*Sapere aude!* Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é portanto a divisa do Esclarecimento” (KANT, 2005, p. 01).

Além do conceito de *maioridade*, o conceito de *autonomia* também está ligado à conquista do esclarecimento, considerando que a autonomia é essencial para se obter a capacidade de servir-se do seu próprio entendimento sem depender de outrem, pois se a vontade do homem não for autônoma, torna-se impossível não se submeter à tutela de outra pessoa. Ou seja, o conceito de *autonomia* é a capacidade de colocar leis para si mesmo, segundo a razão prática. E, portanto, uma

vontade autônoma¹⁸ é a única forma de alcançar o esclarecimento. Na verdade, o conceito de *autonomia* é o cerne da filosofia kantiana, visto que, para Kant, o homem só é completamente homem quando assume autonomamente todos os âmbitos de sua vida. A “autonomia é pois o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda a natureza racional” (KANT, 2011, p. 79).

Além dos conceitos de *maioridade* e *autonomia*, temos o conceito de *liberdade*, que também é fundamental para o esclarecimento, visto que uma vontade só é autônoma se ela for livre das inclinações e paixões, isto é, das leis da natureza. De outro modo, apenas uma vontade realmente livre é autônoma, pois sem liberdade a vontade está submetida às leis da natureza e, portanto, exclui do homem qualquer chance de escolher para si leis que não sejam determinadas pela própria natureza.

Logo, podemos concluir essa seção com a seguinte compreensão: os conceitos de maioridade, autonomia e liberdade são essenciais para a conquista do aperfeiçoamento humano, e que é impossível conquistar essa perfeição sem que ambos conceitos estejam presentes.

3.2 A pedagogia kantiana e a responsabilidade individual

Muito embora Kant julgue a educação essencial para a formação do homem enquanto homem, considerando que o homem não nasce pronto, que não nasce humano, mas torna-se humano, ele não rejeita a importância individual de cada um buscar a autonomia e o seu próprio esclarecimento, como podemos perceber pela seguinte citação: “*Esclarecimento* (Aufklärung) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro” (KANT, 2005, p. 01). Ou seja, embora cada um de nós necessitemos de cuidados e nos servir da tutela alheia, enquanto crianças, também precisamos da ousadia para crescermos, nos esclarecermos, nos tornarmos definitivamente um ser humano autônomo, maior, moral, livre e esclarecido.

Neste contexto, devemos ressaltar que a pedagogia pensada por Kant favorece esse processo de esclarecimento, pois ele não planejou uma educação com fins à servidão, mas sim, à

¹⁸ “Autonomia da vontade é aquela sua propriedade graças à qual ela é para si mesma a sua lei (independentemente da natureza dos objetos do querer). O princípio da autonomia é portanto: não escolher senão de modo a que as máximas da escolha estejam incluídas simultaneamente, no querer mesmo, como lei universal” (KANT, 2011, p. 90).

autonomia. Portanto, a pedagogia kantiana é uma pedagogia do esclarecimento e da autonomia, considerando que ela se opõe a qualquer educação que reprima o crescimento e a liberdade humana, como é possível perceber pela seguinte citação:

Após ter começado a emburrecer seus animais domésticos e cuidadosamente impedir que essas criaturas tranqüilas sejam autorizadas a arriscar o menor passo sem o andador que as sustenta, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentam andar sozinhas. Ora, esse perigo não é tão grande assim, pois após algumas quedas elas acabariam aprendendo a andar; mas um exemplo desse tipo intimida e dissuade usualmente toda tentativa ulterior (KANT, 2005, p. 02).

Em outras palavras, muito embora Kant ressalte a necessidade de cada um buscar libertar-se da tutela alheia, de buscar se esclarecer, ele considera extremamente difícil tal tarefa, se formos educados de modo tal que a servidão passe a ser nossa segunda natureza, se formos educados para a servidão e não para a liberdade. Por essa razão, Kant condena a educação exclusivamente mecânica, sem liberdade de pensamento e sem a possibilidade de desenvolver o senso crítico, como observamos no seguinte trecho:

Preceitos e fórmulas, esses instrumentos mecânicos destinados ao uso racional, ou antes ao mau uso de seus dons naturais, são os entraves desses estado de minoridade que se perpetua. Quem o rejeitasse, no entanto, não efetuaria mais do que um salto incerto por cima do fosso mais estreito que seja, pois ele não tem o hábito de uma tal liberdade de movimento. Assim, são poucos os que conseguiram, pelo exercitar de seu próprio espírito, libertar-se dessa minoridade tendo ao mesmo tempo um andar seguro. (KANT, 2005, p. 01).

Esse tipo de educação, segundo Kant, não está voltado para o ideal de perfeição humana e, por conseguinte, não ajuda o homem a se libertar da tutela e dos cuidados infatins da minoridade. Levando em consideração que o homem “precisa formar por si mesmo o projeto de sua conduta” (KANT, 1999, p. 12), a educação não pode ser o entrave para o destino da humanidade. Consequentemente, cabe à educação colaborar para a marcha do aperfeiçoamento humano, visto que só a educação pode contribuir para que não apenas um indivíduo isolado conquiste a sua inteira destinação, mas como também toda a espécie humana.

Na *Anthropologie in pragmatischer hinsicht*, Kant reforça esse pensamento no qual consagra o aperfeiçoamento humano à espécie humana e não a um indivíduo em particular. Segue o seguinte trecho que corrobora com essa afirmativa:

Pelo que cada homem teria de viver um tempo incomensuravelmente longo para aprender como deveria usar com perfeição todas as suas disposições naturais; ou, se a natureza estabeleceu apenas um breve prazo à sua vida (como realmente acontece), ela necessita de uma série talvez incontável de gerações, das quais uma transmite à outra os seus conhecimentos, para que finalmente o seu germe, ínsito na nossa espécie, alcance o estágio de desenvolvimento que é de todo adequado à sua intenção. E esse momento, pelo menos na ideia do homem, será a meta dos seus esforços porque, de outro modo, as disposições naturais deveriam, na sua maior parte, ter-se por inúteis e sem finalidade - o que eliminaria todos os princípios práticos e, assim, a natureza, cuja sabedoria servirá de princípio para julgar todas as restantes coisas, só no homem se tornaria suspeita de um jogo infantil (KANT, 2013, p. 5 e 6).

Sendo assim, a educação não deve favorecer o aprisionamento, mas sim a liberdade e a autonomia, pois, do contrário, pode impedir não apenas o crescimento individual, mas de toda espécie humana. Observando esse problema, Kant critica o modelo educacional escravizante, pois a sua consequência é desastrosa para toda humanidade, visto que “é portanto difícil para todo homem tomado individualmente livrar-se dessa minoridade que se tornou uma espécie de segunda natureza. Ele se apegou a ela, e é então realmente incapaz de se servir de seu entendimento, pois não deixam que ele o experimente jamais” (Kant, 2005, p. 02).

Tendo em vista a importância da educação para a formação humana e para a efetivação do seu destino, Kant elabora uma pedagogia com fins à autonomia e ao esclarecimento, uma pedagogia com fins à liberdade; que se opõe a qualquer modelo de educação que não tenha o ideal de humanidade como finalidade. No entanto, cabe levarmos em conta que Kant não defende a tese de que a educação é a garantia da perfeição humana, dado que para ele apenas a razão prática torna isso possível. Aliás, devemos compreender que, para Kant, a perfeição humana se dá, tão somente, na efetivação moral.

Neste contexto, a educação não transforma a humanidade em seres autônomos, esclarecidos e morais, mas unicamente ajuda na dura tarefa do homem fazer uso da sua capacidade racional de modo correto; ensinando a fazer uso do imperativo hipotético, isto é, no “caso de a ação ser apenas boa como meio para *qualquer outra coisa*” (KANT, 2011, p. 52). Ou seja, os imperativos hipotéticos “representam a necessidade prática de uma ação possível como meio de alcançar qualquer outra coisa que se quer (ou que é possível que se queira)” (KANT, 2011, p. 52). Discutiremos melhor acerca disso no próximo capítulo, aqui basta compreendermos que a educação é apenas a forma que temos de nos diferenciarmos dos animais ao aprendermos a usar a

razão instrumental. Mas, a perfeição humana vai além disso e é necessário ousadia para sair da tutela, seja de outro homem, seja de um livro; de qualquer coisa que nos impessa de pensar por nós mesmos.

Sendo assim, como afirma Bresolin, acerca da pedagogia kantiana:

A educação não garante, em nenhum momento, que o educando se torne um ser esclarecido, isto é, que realize o processo de esclarecimento (*Aufklärung*) de sair da menoridade e entrar na maioridade, uma vez que tal processo é uma decisão pessoal intrasferível. No entanto, sem ela, é impossível que isso aconteça (BRESOLIN, 2016, p. 80).

E diz ainda a respeito da finalidade moral da teoria da educação de Kant: “Educar para a moral não significa que será ensinada *uma* moral preestabelecida para a criança, muito pelo contrário, serão oferecidas à criança as condições para que ela encontre, em si mesma a moral” (BRESOLIN, 2016, p.118). Digo, Kant não pretende impor, por meio da educação, uma ideologia moral, mas, tão somente, uma educação que possibilite a conquista da autonomia do pensamento e da moralidade livre, isto é, a verdadeira moral¹⁹.

Portanto, se a razão não é apta bastante para guiar com segurança a vontade no que respeita aos seus objetos // e à satisfação de todas as nossas necessidades (que ela mesma – a razão – em parte multiplica), visto que um instinto natural inato levaria com muito maior certeza a este fim, e se, no entanto, a razão nos foi dada como faculdade prática, isto é, como faculdade que deve exercer influência sobre a *vontade*, então o seu verdadeiro destino deverá ser produzir uma *vontade*, não só *boa* quicá como *meio* para outra intenção, mas uma *vontade boa em si mesma*, para o que a razão era absolutamente necessária, uma vez que a natureza de resto agiu em tudo com acerto na repartição das suas faculdades e talentos. Esta vontade não será na verdade o único bem nem o bem total, mas terá de ser contudo o bem supremo e a condição de tudo o mais, mesmo de toda a aspiração de felicidade (KANT, 2011, p. 25 e 26).

Sendo assim, apesar da educação ter papel decisivo na efetivação do aperfeiçoamento humano, pois contribui com o bom uso da razão e pode influenciar na postura do homem enquanto indivíduo de uma sociedade, não podemos excluir a responsabilidade individual de cada um buscar o seu próprio esclarecimento e autonomia moral, visto que cabe a cada um se libertar

¹⁹ Uma moral que é imposta por uma autoridade e que seja coercitiva não pode ser considerada verdadeiramente moral visto que a moral é fundamentada pelas leis da liberdade e, não por princípio heterônomos.

individualmente da tutela alheia. Ou seja, a educação favorece essa postura, mas não é garantia do esclarecimento moral e nem isenta o homem individual de sua própria responsabilidade de seguir a sua inteira destinação.

4 DA EDUCAÇÃO KANTIANA AO IDEAL DE HUMANIDADE

“O homem, quando tem diante dos olhos a ideia de humanidade, critica a si mesmo. Nessa ideia ele encontra um modelo, com o qual se compara a si mesmo.”

Immanuel Kant

O homem é “um cidadão de dois mundos”, isto é, ele é constituído por uma parte natural e uma parte racional (como foi dito anteriormente). Enquanto ser natural, o homem está fadado às leis da natureza, e, portanto, é um ser determinado como qualquer outro animal. Mas enquanto ser racional, o homem é constituído de uma vontade²⁰ que lhe dá a possibilidade de escolher, deliberar, etc. Ou seja, “tudo na natureza age segundo leis. Só um ser racional tem a capacidade de agir *segundo a representação* das leis, isto é, segundo princípios, ou: só ele tem uma *vontade*.” (KANT, 2011, p. 50). Por isso, podemos afirmar que é justamente a característica racional do homem que o distingue dos demais animais irracionais (que são completamente determinados pelos seus instintos). Por conseguinte, é a razão que permite ao homem tornar-se verdadeiramente humano.

Destarte, quando falamos de um ideal de humanidade, ele deve estar fundamentado no caráter racional do homem, pois só por meio da razão o homem pode se autodeterminar e tirar desse ideal o modelo de perfeição a ser perseguido e não nos exemplos contingentes, isto é, empíricos. O ideal de humanidade é o princípio norteador que permite ao homem seguir a razão, considerando que a ação correta não deve ser fundada na experiência e, portanto, em exemplos, mas, tão somente, na lei universal da razão prática. A necessidade da ação ideal não se alicerçar em exemplos pode ser confirmada pela seguinte afirmação de Kant:

a imitação não tem lugar algum em matéria de moral, // e os exemplos servem apenas para encorajar, isto é, põem fora de dúvida a possibilidade daquilo que a lei ordena, tornam intuitivo aquilo que a regra prática exprime de maneira mais geral,

²⁰ A vontade do homem é imperfeita visto que, o mandamento da razão não se impõe a ele infalivelmente, mas como um dever, uma obrigação, um imperativo que lhe cabe obedecer. Mas que, no entanto, ele pode não cumprir.

mas nunca podem justificar que se ponha de lado o seu verdadeiro original, que reside na razão, e que nos guiemos por exemplos (KANT, 2011, p. 45).

Por essa razão, “na educação tudo depende de uma coisa: que sejam estabelecidos bons princípios e que sejam compreendidos e aceitos pelas crianças” (KANT, 1999, p. 96). Ou seja, a criança deve ser incentivada a seguir a própria razão (pelos princípios corretos que são erigidos pela razão prática) e não os seus instintos ou mesmo bons exemplos, visto que seguir bons exemplos não garante que sempre agiremos corretamente. Assim sendo, “as crianças, mesmo não tendo ainda o conceito abstrato do dever, da obrigação, da conduta boa ou má, entendem que há uma lei do dever e que esta não deve ser determinada pelo prazer, pelo útil ou semelhante, mas por algo universal que não se guia conforme os caprichos humanos” (KANT, 1999, p. 97 e 98).

Portanto, não é apenas necessário agir corretamente, mas também é necessário que a motivação do nosso agir seja correto, o que só é possível se nossas ações forem fundamentadas na leis da razão e quando essas leis forem obedecidas por respeito e amor à razão. Veremos mais a respeito desse assunto na segunda seção deste capítulo.

Assim sendo, afim de compreendermos como o modelo educacional pautado no ideal de humanidade é a chave para o aperfeiçoamento da natureza humana, dividimos o presente capítulo em duas seções: *A educação e o imperativo hipotético* e *O imperativo categórico e o princípio supremo da moralidade*. Na primeira seção pretendemos compreender o conceito de *imperativo hipotético* e como o uso desse princípio formal não garante a ação moral, mas tão somente assegura o bom uso da razão enquanto instrumento; meio para alcançar um fim possível. Na segunda seção, trataremos do princípio que fundamenta a ação moral, qual seja, o imperativo categórico.

4.1 A educação e o imperativo hipotético

Immanuel Kant define o conceito de *imperativo* como “a fórmula do mandamento” (KANT, 2011, p. 51), isto é, “os imperativos são apenas fórmulas para exprimir a relação entre leis objectivas do querer em geral e a imperfeição subjectiva deste ou daquele ser racional, da vontade humana por exemplo” (KANT, 2011, p. 52). Os imperativos podem ser hipotéticos ou categóricos. Nesta seção pretendemos compreender o imperativo hipotético e sua relação com a pedagogia kantiana.

O imperativo hipotético é a fórmula que nos obriga uma ação possível para alcançar um fim específico. Por exemplo, para se aprender francês é necessário estudar a gramática, a fonética e etc. desse idioma específico. Logo, uma pessoa que pretende alcançar esse fim não pode, por exemplo, pretender aprender o idioma desejado assistindo televisão, ao invés de estudar, pois isso a impediria de conquistar o fim almejado e, portanto, seria irracional.

Sendo assim, o imperativo hipotético é o uso instrumental da razão, considerando que ele nos diz a maneira racional de realizarmos o nosso desejo, sendo, por sua vez, irracional querer, por exemplo, aprender francês e em vez de estudá-lo ficar assistindo televisão. Ou seja, o imperativo hipotético é bom enquanto meio para obter um fim e não enquanto fim em si mesmo. Por isso, a respeito do imperativo hipotético, afirma Kant: “O imperativo hipotético diz pois apenas que a acção é boa em vista de qualquer intenção *possível* ou *real*. (KANT, 2011, p. 53).

Neste âmbito, podemos adentrar na relação entre a educação e o imperativo hipotético. A educação, como vimos, contribui com o processo de aperfeiçoamento humano. No entanto, ela não garante essa perfeição, isso porque a educação contribui com o aperfeiçoamento humano na medida em que ela colabora com o ensino da razão instrumental. Ou seja, a educação pautada no ideal humano focará em ensinar os meios de alcançar os fins almejados, e, a partir disso, cada homem individualmente poderá buscar livremente o bom uso da razão: a moralidade. Portanto, cabe a educação ensinar o uso instrumental da razão, qual seja, as *regras de destreza* e os *conselhos de prudência*.

4.1.1 A razão instrumental e a imoralidade

Como vimos, a razão instrumental está relacionada ao imperativo hipotético e é concernente à característica racional do homem. Mas, em que se compõe a razão instrumental? Ora, ela se divide em: *regras de destreza* e *conselhos de prudência*²¹. O primeiro diz respeito a habilidade e é opcional, isto é, como o exemplo aqui já citado do desejo de aprender um idioma.

²¹ “conclui-se: que os imperativos da prudência, para falar com precisão, não podem ordenar, quer dizer representar, as acções de maneira objectiva como praticamente necessárias; que eles se devem considerar mais como conselhos (consilia) do que como mandamentos (praecepta) da razão” (KANT, 2011, p. 58). Isso porque não tem um caráter de necessidade visto que, é completamente geral.

Para atingir um fim específico, é necessário seguir meios determinados para isso. Já os conselhos de prudência é muito geral e se refere a um fim por necessidade natural, qual seja, a felicidade.

À guisa de exemplo, o próprio Kant, ao falar da destreza, isto é, “o imperativo que indica como determinada finalidade pode ser atingida” (KANT, 2011, p. 53), cita como exemplo: “As regras que o médico segue para curar radicalmente o seu doente e as que segue o envenenador para o matar pela certa são de igual valor neste sentido de que qualquer delas serve para conseguir perfeitamente a intenção proposta” (KANT, 2011, p. 54). A partir do exemplo dado pelo próprio Kant podemos perceber que o imperativo hipotético, mais especificamente, a regra de destreza, não garante o uso moral da razão, mas apenas o cumprimento de um fim almejado, seja ele bom ou mal moralmente.

Por isso, na filosofia kantiana é possível compreender pessoas fazendo o uso da razão para um fim moralmente mal, por exemplo, o nazismo, e não serem consideradas irracionais ou desqualificar a racionalidade como o princípio fundador da moral. Ou seja, ações bárbaras não são irracionais, visto que os meios para a realização do fim desejado foi alcançado. O que se configura, na verdade, é o uso imoral da razão. Logo, é possível admitir um nível elevadíssimo de instrução e racionalidade e simultaneamente a pessoa ser mal do ponto de vista moral.

Neste âmbito, como Kant pode falar que a razão prática é o princípio supremo da moral? Primeiramente, devemos distinguir o imperativo hipotético do imperativo categórico. O imperativo hipotético se reduz ao uso instrumental da razão, isto é, não é o fundamento da moral e, portanto, não determina a boa ação moral. Em contrapartida, veremos na próxima seção que o imperativo categórico é o fator determinante da boa ação moral. Sendo assim, podemos concluir nesta seção, tão somente, que a ação moral não se reduz a agir racionalmente, considerando que podemos agir de modo racional e não ser isto não se configurar como uma ação moralmente boa.

4.2 O imperativo categórico e o princípio supremo da moralidade

O imperativo categórico é o princípio supremo da moralidade e como princípio que fundamenta a moral tem valor em si mesmo e não como meio para outro fim em geral, conforme afirma Kant:

Há por fim um imperativo que, sem se basear como condição em qualquer outra intenção a atingir por um certo comportamento, ordena imediatamente este comportamento. Este imperativo é **categórico**. Não se relaciona com a matéria da acção e com o que dela deve resultar, mas com a forma e o princípio de que ela mesma deriva; e o essencialmente bom na acção reside na disposição [Gesinnung], seja qual for o resultado. Este imperativo pode-se chamar o imperativo **da moralidade** (KANT, 2011, p. 55).

É por essa razão, que Kant fala, na obra *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*²², que mesmo que alguém bata na sua porta à procura de um amigo com a intenção de o matar, para agirmos moralmente, devemos cumprir nossa obrigação de sempre falar a verdade, ou seja, de não mentir independente das consequências. Isto é, diferentemente do imperativo hipotético, que tem o seu valor definido como bom por alcançar um almejado fim²³, no imperativo categórico o seu valor é considerado bom, não pelas consequências ou pelo resultado da acção, mas unicamente por seu valor intrínseco. Ou seja, o imperativo categórico possui valor em si mesmo. Logo, “o valor moral da acção não reside, portanto, no efeito que dela se espera; também não reside em qualquer princípio da acção que precise de pedir o seu móbil a este efeito esperado.” (KANT, 2011, p. 32 e 33).

Pois, o autêntico valor moral, segundo Kant, constitui-se ao praticarmos “a acção sem qualquer inclinação, simplesmente por dever” (KANT, 2011, p. 29). Dever esse que é determinado pelas leis da razão, pelo imperativo categórico. No entanto, devemos perceber que para determinar o valor moral de nossa conduta, não basta que a acção seja conforme o dever, mas que a motivação de nossas acções também seja boa, qual seja, o respeito às leis da razão. Logo, “quando se fala de valor moral, não é das acções visíveis que se trata, mas dos seus princípios íntimos que se não vêem” (KANT, 2011, p. 42).

Neste âmbito, a pedagogia kantiana contribui com o aperfeiçoamento humano, na medida em que ensina a valorizar os princípios das acções, o uso da razão. Pois,

a razão nos foi dada como faculdade prática, isto é, como faculdade que deve exercer influência sobre a *vontade*, então o seu verdadeiro destino deverá ser produzir uma *vontade*, não só *boa* quiçá como *meio* para outra intenção, mas uma *vontade boa em si mesma*, para o que a razão era absolutamente necessária, uma vez que a natureza de resto agiu em tudo com acerto na repartição das suas

²² Fundamentação da Metafísica dos Costumes.

²³ O seu valor é determinado como bom apenas como meio para atingir um fim específico, portanto, o que definirá se o imperativo hipotético é bom ou não será o resultado.

faculdades e talentos. Esta vontade não será na verdade o único bem nem o bem total, mas terá de ser contudo o bem supremo e a condição de tudo o mais, mesmo de toda a aspiração de felicidade. (KANT, 2011, p. 25 e 26).

Na educação, tudo depende de que sejam estabelecidos bons princípios e estes sejam compreendidos e aceitos pelas crianças. O homem não pe bom e nem mau por natureza, por isso, a sua moralidade é algo deliberado, fruti da autonomia. Tornar-se moral eleva sua razão até os conceitos do *dever* e da *lei*. Portanto, cabe a educação elucidar esses princípios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As críticas que o filósofo Immanuel Kant faz ao sistema educacional de sua época não se limitam ao período do Iluminismo. Na verdade, as questões colocadas por ele são extremamente atuais. Uma das mais relevantes críticas feita por ele é o descaso que os poderosos têm para com a boa educação da humanidade. Essa crítica também pode ser aplicada ao nosso sistema educacional atual, visto que muitos governantes não se preocupam em fazer políticas educacionais voltadas para o progresso da humanidade. Na realidade, são poucos os que se preocupam em refletir seriamente à respeito da filosofia da educação e à problemática educacional com fins ao desenvolvimento crítico. Pois, o que muitas vezes predomina nos sistemas educacionais é a perpetuação de planejamentos educacionais prontos de antemão e que são muitas vezes repetidos sem reflexão.

Por essa razão, estudar teorias educacionais de filósofos, como por exemplo, Immanuel Kant tende a contribuir para a reflexão e o debate acerca dos problemas da educação e de sua importância para a sociedade. E nesse caso, especificamente, Kant se caracteriza como um pensador que propõe uma teoria educacional pautada no aperfeiçoamento de toda humanidade à medida que ele almeja em seu sistema filosófico um propósito cosmopolita. Isto é, para Kant toda a história da humanidade e sua marcha educacional serve para cumprir o destino da natureza que é a perfeição e destreza. Kant também ressalta essa tese na segunda proposição da obra “Ideia de uma História Universal com um propósito Cosmopolita” como podemos comprovar na seguinte citação: “No homem (como única criatura racional sobre a terra), as disposições naturais que visam o uso da sua razão devem desenvolver-se integralmente só na espécie, e não no indivíduo” (KANT, 2013, p. 5).

No que concerne ao o problema que nos propomos a investigar (como a educação pode contribuir com o aperfeiçoamento da natureza humana? E, nessa perspectiva, quais os princípios que devem fundamentar uma educação que visa a inteira destinação da humanidade?), chegamos a seguinte conclusão: a educação pode contribuir com o aperfeiçoamento da natureza humana na medida que possibilita ao homem aprender a fazer bom uso de suas faculdades, da razão. E quanto aos princípios que devem fundamentar uma educação que objetiva esse fim se resumem nos deveres para conosco e para com os demais, isto é, o ideal da dignidade humana. No entanto, para

que a educação esteja respaldada nessa ideia norteadora deve-se pensar em uma educação que busque o desenvolvimento da maioria, autonomia e liberdade humana.

Portanto, a importância da educação para a formação da humanidade do homem é o seu papel imprescindível para a realização desse fim, visto que a educação tem a capacidade de desenvolver habilidades que favorecem esse aperfeiçoamento. Logo, podemos afirmar que a hipótese do nosso trabalho (a educação, quando pautada no ideal de humanidade, é a chave do aperfeiçoamento do homem enquanto espécie humana) é uma resposta plausível, considerando que é por meio do ideal de humanidade que a educação e o próprio homem pode formular um modelo a ser seguido.

6 BIBLIOGRAFIA

BRESOLIN, Keberson. **A filosofia da educação de Immanuel Kant: da disciplina à moralidade**. Rio Grande do Sul: Educs, 2016.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CARVALHO, Alonso Bezerra de. **A filosofia da educação kantiana: educar para liberdade**. In.: Unesp. Pró-reitoria de Graduação. (Org.). Caderno de formação: Formação de professores: Educação, cultura e desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, v. 2, p.43-59.

KANT, Immanuel. **Über Pädagogik**. Königsberg, 1803.

_____. **Traité de pédagogie**. Traduction Jules Barni. Paris: Philosophie, 1886.

_____. **Sobre a pedagogia**. Tradução Francisco C. Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

_____. **Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento?** Textos Seletos. Tradução: Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

_____. **Ideia de uma História Universal com um propósito Cosmopolita**. Tradução: Artur Morão. Lusosofia: press, 2013.

_____. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução: Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2011.

_____. **Metafísica dos costumes**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Eipro, 2008.

LA TAILLE, Y. de. **A educação moral: Kant e Piaget**. In.: Macedo, L. de. (Org.) Cinco estudos de educação moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 135-173.

OLIVEIRA, Mário Nogueira de. **A educação na ética kantiana**. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2004, v. 30, p. 447-460.

ROSA. Leonardo de Ross. **Disciplina, o princípio da educação em Kant**. Congresso Internacional de filosofia e educação, Rio Grande do Sul, 2010.